

REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA SOCIAL DO MARANHÃO NO SÉCULO XIX RETRATADA PELO MUSEU HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO MARANHÃO*

REFLECTIONS ON THE SOCIAL HISTORY OF MARANHÃO STATE IN THE NINETEENTH CENTURY PORTRAYED BY THE ARTISTIC AND HISTORICAL MUSEUM OF MARANHÃO

REFLEXIONES SOBRE LA HISTORIA SOCIAL DE MARANHÃO EN EL SIGLO XIX
RETRATADAS POR EL MUSEO HISTÓRICO Y ARTÍSTICO DE MARANHÃO

*Diego Rodrigo Pereira
Maristela de Paula Andrade*

Resumo: O Museu Histórico e Artístico do Maranhão conserva objetos em seu acervo e, ao exibi-los aos visitantes que por ali passam, com objetivos de educação e lazer, pretende levá-los a conhecer usos e costumes supostamente característicos de um período histórico. A pretensão deste trabalho é refletir sobre a perspectiva histórica adotada pelo Museu quando busca retratar a história social do séc. XIX em seus circuitos de exposições. Pretende-se questionar se o Museu, ao incluir-se como meio educativo, se omite quanto às muitas culturas do passado recente e do presente. Indaga-se também acerca da imagem de sociedade e de identidade maranhense retratada nesses circuitos de exposição.

Palavras-chave: Museu. Circuitos de exposições. História social. Memória coletiva.

Abstract: The Artistic and Historical Museum of Maranhão keeps objects in its collection and, by displaying them with educational and leisure goals to visitors who pass by, it intends to get them to know supposedly typical customs and traditions of a certain historical period. This paper aims at discussing the historical perspective adopted by the Museum when it seeks to show the social history of the nineteenth century in its exhibition and circuits. The intention is to question whether the Museum, since it includes itself as a means of education, omits many cultures from the recent past and the present. The image of society and identity from Maranhão portrayed in those exhibition circuits are also questioned.

Keywords: Museum. Exhibition circuits. Social History. Collective memory.

Resumen: El Museo Histórico y Artístico de Maranhão conserva objetos en su acervo que son exhibidos a los visitantes que pasan por allí. Con objetivos pedagógicos y recreativos, pretende dar a conocer usos y costumbres supuestamente característicos de un periodo histórico. La pretensión del presente escrito es reflexionar sobre la perspectiva histórica adoptada por el Museo cuando busca retratar la historia social del siglo XIX en sus recorridos de exposición. Se pretende cuestionar si el Museo, al considerarse como medio educativo, omite las múltiples culturas del pasado reciente y del presente. Se indaga también la imagen de la sociedad y de la identidad marañense retratada en esos mismos recorridos de exposición.

Palabras clave: Museo. Recorridos de exposición. Historia social. Memoria colectiva

1 INTRODUÇÃO

O Museu exerce um papel preponderante no âmbito sociocultural, desta forma, exerce uma estreita relação com o patrimônio cultural, tendo como função primordial a sua preservação, conforme prescreve Kerriou (1992, p. 90): "O museu é um produto cultural europeu e é neste continente onde a instituição nasce e se consolida como conservadora do patrimônio cultural da humanidade". Para Paoli (1992, p. 25), "essa noção de patrimônio serve para evocar nos museus, os acontecimentos e coisas que merecem ser preservadas porque são coletivamente significativas em sua diversidade". É por isso que esses acontecimentos e coisas incidem na vida dos

visitantes, assim eles vislumbram no museu sua própria história de vida, lutas e experiências cotidianas.

Criado com o propósito de preservar a memória histórica maranhense, o Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM) exhibe o que seria a história social da sociedade maranhense. Busca-se, desta forma, questionar essa interpretação construída pelo Museu para resgatar e preservar a memória social do povo.

Com essa investigação, objetivou-se refletir sobre a perspectiva histórica adotada pelo Museu quando busca retratar a história social do séc. XIX. Além disso, pretende-se questionar o papel do Museu nas práticas educati-

*Artigo recebido em abril 2011

Aprovado em dezembro 2011

vas, e analisar se este não se omite quanto às muitas culturas do passado recente e do presente. Indaga-se ainda, acerca da imagem de sociedade e de identidade maranhense retratada nesses circuitos de exposição.

Desta forma, o texto ganha relevância ao despertar a íntima relação entre as Ciências Sociais e a Museologia, pois questões como memória, cultura e patrimônio integram importantes eixos de reflexão e atuação profissional do Cientista Social. Outra importante reflexão concerne acerca da relação entre o museu e o conjunto de experiências sociais de uma sociedade.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho é fruto de uma revisão bibliográfica que vislumbra uma análise concernente à interpretação da história social maranhense retratada pelos circuitos de exposições do MHAM, a partir da experiência vivenciada durante o estágio obrigatório da modalidade bacharelado em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), realizado no período de agosto a dezembro de 2009. As discussões somam um conjunto de aspectos históricos e sociais, que poderão subsidiar novas pesquisas. Ademais, o presente artigo foi constituído à luz da antropologia, da sociologia, da museologia e da história.

Como referência principal de análise, para o levantamento de dados, foram considerados alguns questionamentos como: a seleção do acervo, a forma como o Museu omite as várias culturas da sociedade e a identidade maranhense adotada em seus circuitos de exposições.

Para elaboração deste texto, durante a realização do estágio, foram utilizadas como fontes de pesquisa algumas literaturas sobre o tema, analisou-se visualmente documentos da museologia, além da interpretação visual do acervo. Ademais, o trabalho desenvolvido de monitoria de visitantes foi de grande valia; com o serviço de acompanhamento pelo acervo possibilitou-se uma melhor compreensão dos circuitos.

3 O MUSEU HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO MARANHÃO

Com o intuito de preservar a memória histórica e artística do Maranhão, no dia 28 de julho de 1973, foi inaugurado o Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM). Como bem prescreve Pereira (2003, p. 15, grifo nosso), “este museu surge com o compromisso de zelar pelo chamado *patrimônio maranhense*, como também divulgar e incentivar todos os segmentos da cultura”.

Localizado na Rua do Sol, nº 202, o MHAM ocupa um prédio do século XIX, conhecido como Solar Gomes de Sousa, construído em 1836 pelo Major Inácio José de Sousa, um fazendeiro do município de Itapecuru-Mirim – MA, pai de Joaquim Gomes de Souza, o Souzainha, considerado um grande intelectual maranhense. No sobrado residiu, ainda, a família de Alexandre Colares Moreira, lembrado pela atuação política no Maranhão, e a de José Francisco Jorge, grande industrial do setor têxtil do estado. Em 1967, o atual Governador do Estado do Maranhão, José Sarney, comprou o edifício, já com o propósito da instalação do MHAM. Com trinta e sete anos, o Museu faz parte da Secretaria de Estado da Cultura do Estado do Maranhão (SECMA), órgão atualmente responsável pela manutenção dos serviços no local.

Conforme prescreve Pereira (2003, p. 17), “o acervo do Museu Histórico é composto por coleções de numismática, mobiliário, porcelana, vidros e cristais, pinturas, esculturas, azulejos, documentos, gravuras e arte sacra”, dividido entre o citado museu e seus anexos: Museu de Artes Visuais (MAV) e Museu de Arte Sacra (MAS), Cafua das Mercês (Museu do Negro), Museu Histórico de Alcântara, Capela São José das Laranjeiras, Capela Bom Jesus dos Navegantes e Igreja do Desterro.

Para a visita nos circuitos de exposições, o MHAM e seus anexos dispõem do serviço de acompanhamento dos visitantes. Os acompanhantes, denominados de monitores, são universitários que passam por uma seleção de estágio através da análise de currículo e rendimento acadêmico, entrevista e teste prático pelos circuitos do MHAM. A visita de uma escola ao Museu (Fotografia 1) ilustra a monitoria que estava sendo desenvolvida.

Fotografia 1 - O autor exercendo a monitoria na sala de músicas do MHAM



Fonte: Produção do próprio autor Diego Pereira

O Museu de Artes Visuais (MAV) e o Museu de Arte Sacra (MAS) considerados os anexos mais importantes, surgiram com a necessidade de um espaço próprio para abrigar as artes plásticas do Maranhão e outro para dar maior atenção aos valiosos utensílios e peças da Igreja Católica no Maranhão. Segundo Pereira (2003), em 1989, foi restaurado um casarão com três pavimentos e fachada de azulejos, espaço considerado apropriado para abrigar o acervo de artes plásticas e de azulejaria, em 22 de dezembro de 1989, foi inaugurado o MAV, localizado na Rua Portugal, nº 273, Praia Grande. Posteriormente a SECMA adquiriu outro prédio, desta forma, em 1992 inaugurou-se mais um anexo, o MAS, localizado na Rua Treze de Maio, nº 5000, Centro.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Inspirado no modelo europeu de museus destinados a divulgar costumes e modos de vida da nobreza” (FERRETTI, 2007, p. 1), o MHAM é uma casa ambientada no modelo de residência das elites maranhenses do século XIX, retratando os casarões das famílias representantes da elite local. Nessa época existiam diversos tipos de habitação e de vida, a rua foi deixando de ser o lugar onde se atiravam animais mortos, restos de comida e excrementos, e a casa foi se tornando o centro mais importante de adaptação do homem ao meio. A casa do século XIX, segundo Freyre (1951), influenciou a formação social do brasileiro da cidade.

Uma visão atenta aos museus da nossa cidade nos levará a perceber que cada um tem a preocupação de resgatar a história de um determinado momento e/ou movimento do Maranhão. O acervo que integra esses museus vai desde arquivos, móveis, vídeos, fotografias, azulejos, artesanato, esculturas e pinturas, e demonstram o registro da diversidade das experiências sociais e dos valores culturais maranhenses. Tais objetos são julgados importantes para compor a memória coletiva, portanto, uma reflexão deve ser feita sobre quais os objetos designados como valiosos são utilizados para compor essa memória e como estes seriam selecionados.

Outro aspecto para reflexão concerne à questão da construção e preservação de um passado em termos de seus significados sociais, retratados em elementos da vida cotidiana, dando destaque aos costumes e tradições da rotina familiar do século XIX, tidos como característicos da sociedade maranhense

se daquela época. Desta forma analisa-se em que medida essa construção contempla importantes acontecimentos históricos.

As identidades são objeto da preocupação oficial, e o museu será o espaço artificial dessa construção identitária (AMARAL, 2003). Dessa forma, a exposição do MHAM reconstrói um passado limitado, guardando somente uma determinada história: a das elites. A mensagem transmitida por seu circuito de exposição silencia muito das memórias individuais, controlando o que deve ou não deve ser lembrado para compor a memória coletiva. Segundo Bruniera (2010), os conteúdos da história individual são impedidos de contribuir para uma reflexão sobre o passado.

Além disso, postula Amaral (2003, p. 11):

No processo de construção da identidade nacional, foram eleitos determinados objetos que guardam uma inesgotável representação imaginária de parte da sociedade. Nem todas as histórias foram para o museu, nem todos os objetos reputaram-se necessários à construção identitária da nação. A história intocada, imaculada, santa, que merecera atenção estatal fora a história da elite política do país. E a identificação da elite política com a idéia de nação desmerecera outras possibilidades de passado, outras construções imaginárias, outras identidades.

Por isso, durante o passeio pelos circuitos de exposições do Museu, o visitante conhece o que seria o cotidiano de uma família de época. Os ambientes retratam diversos hábitos do século XIX, em sua maioria praticados pela elite local. A sala de músicas do MHAM (Fotografia 2) ilustra um tipo de ambiente típico das ricas famílias maranhenses, no qual se promovia o sarau, um evento bastante comum no século XIX, cujas manifestações artísticas reuniam somente as elites da época.

Fotografia 2 - Sala de músicas do MHAM



Fonte: Produção do próprio autor Diego Pereira

Durante a visita, é possível ainda conhecer um pequeno teatro original da época, e os visitantes são informados sobre as apresentações teatrais e musicais que ocorriam naquele espaço, acessível somente aos convidados dos moradores da casa.

Outra parte do casarão, a sala masculina (Fotografia 3), é exibida com a finalidade de explicar como era feita a recepção dos convidados da família, decorada com espelhos de cristal, escarradeiras de porcelana, piano, relógio em bronze, dentre outros objetos. A sala caracteriza-se como um ambiente para pessoas cultas e requintadas, o que não era típico de todas as residências do período. Operários, vendedores ambulantes e pequenos artesãos não tinham esses mesmos objetos e tampouco mesma condição de vida.

Fotografia 3 - Sala masculina do MHAM



Fonte: Produção do próprio autor Diego Pereira

Com a função educativa, mas com a finalidade de reforçar uma identidade, o MHAM deixa de mostrar alguns dos elementos culturais de outros segmentos sociais como, por exemplo, dos negros. Segundo Ferretti (2007, p. 1)

parece difícil escapar-se a este esquema de museus sobre a elite [...] mas atualmente quando se fala em multiculturalismo e se valorizam os grupos étnicos é importante refletir e tentar ampliar o lugar do negro nos nossos museus.

Analisando outro anexo, no Museu Cafua das Mercês (Museu do Negro), localizado à Rua Jacinto Maia, nº 54, Praia Grande, os negros são retratados nas exposições de instrumentos de tortura como palmatórias e gargalheiras de ferro. Segundo Corrêa (2009, p. 1), "a casa dispõe de um acervo que conta um pouco da história da vida árdua imposta aos escravos que viveram em nossa cidade aos fins do século XVIII". Neste Museu,

apesar da pouca ênfase à classe dominante, poucos elementos sobre as influências da cultura africana no processo de formação da identidade do povo maranhense são apresentados. Somente alguns objetos atentam para os cultos e cerimônias religiosas realizadas pelos escravos. O próprio casarão em estilo colonial, mantendo características arquitetônicas originais, sem apresentar janelas e com poucas entradas de luz e ventilação, segundo Corrêa (2009, p. 1), "só demonstra as condições opressoras e indignas de como viviam os negros em tempos do Império".

Até mesmo na cozinha de época, montada pelo MHAM, as poucas referências feitas aos negros e pobres do período somente ocorrem em poucas falas dos monitores quando se referem às comidas e doces caseiros da época, em sua maioria provenientes dos negros. Nas falas da monitoria, as escravas passavam a maior parte do tempo na cozinha, levando um dia árduo de trabalho. Entretanto, sequer é mencionado que alguns dos fabricantes daqueles móveis e daqueles objetos de barro podem ter sido artesãos maranhenses ou escravos, denotando, assim, a falsa alusão de que tais peças expostas pudessem ser de origem europeia.

Percebe-se o fato de o Museu se omitir quanto às muitas culturas do passado recente e do presente, desta forma, o que está autorizado a ser lembrado se cristaliza, legitima o que é selecionado para permanecer no tempo, e dá um determinado destino aos acontecimentos históricos (BRUNIERA, 2010). Entretanto, esse destino poderia ser outro, se o conteúdo das histórias individuais não fosse impedido de ganhar relevância, e estivesse incorporado à memória coletiva, ganhando visibilidade.

No entanto, decidir sobre o que será ou não preservado e exposto para a sociedade, a fim de apresentar tais traços sociais e culturais, compete aos profissionais da memória, pois a mensagem que será transmitida pelo objeto, depende de um discurso pré-elaborado por especialistas que, supostamente, se apóiam em fundamentos científicos (KERRIOU, 1992). Segundo Kerriou (1992, p. 20), "para que seja possível que os objetos sejam exibidos, é necessário que vários especialistas participem". Espécie de semióforos (CHAUÍ, 2000), esses objetos seriam como signos trazidos à frente para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica.

Os próprios objetos expostos levam o visitante a identificar, de uma maneira mais aprofunda-

da, o que se deseja expressar através da monitoria. Segundo Kerriou (1992, p. 92), "os objetos sistematizados podem emitir mensagens fáceis de captar porque estão diretamente ligados ao receptor, que pode observá-los e ler ou escutar a informação adicional que eles oferecem". Para a autora, trata-se de uma técnica museográfica que colabora para que os objetos realmente se comuniquem, não só pela sua ordenação, mas também por sua colocação, o uso da cor e da luz, assim como a seleção de informações, o que faz do museu um meio de comunicação bastante completo para compreensão da história da época, ainda que esta seja voltada mais para o modo de vida das ricas famílias do período.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir essas questões lançando mão dos conhecimentos das Ciências Sociais tornou-se uma das importantes experiências desta jornada acadêmica, contribuindo para o sucesso do estágio. Relacionar as Ciências Sociais ao cotidiano do Museu possibilitou a contextualização do acervo museológico com a história social maranhense, favorecendo a construção de uma visão mais crítica sobre essa história.

Para reconstituir e interpretar certos aspectos da história social do século XIX, o MHAM valoriza objetos cuja arrumação tenta reconstituir alguns ambientes de uma casa de época, ou seja, a seleção dos objetos e seu arranjo nos espaços do Museu obedecem as representações e interpretações de quem os arrumou, representando, assim, a forma como seria o passado dessas casas. Percebe-se que o conhecimento e compreensão do passado, tal como interpretado e mostrado no MHAM, facilitam também o entendimento das transformações presentes. Como bem postula Kerriou (1992, p. 94), "não se deve mostrar o passado sem que se coloque em função do presente, entre eles deve haver uma relação retroalimentadora".

A exibição de objetos de uso dos ricos, bem como de seus espaços de lazer e diversão demonstrados no MHAM, reforça somente os traços culturais da elite do século XIX, período também marcado por diversas manifestações populares ligadas a festas religiosas dos negros, às músicas cantadas por pobres que trabalhavam nas feiras e mercados, além dos pregões recitados nas ruas da cidade por vendedores ambulantes, conhecidos popularmente como pregoeiros. Omite-se a contribuição da cultura africana na formação da identidade maranhense. Não somente os negros, mas também os

pobres, os artesãos, os fabricantes dos móveis e objetos do período são banidos da memória.

O que atualmente se percebe no Museu é uma representação da vida material das elites maranhenses do século XIX. O que era particular tornou-se universal, e como o Museu se inclui como um meio educativo de aprendizagem é errôneo pregar uma história aos visitantes destinando-os a pensar na imagem de uma sociedade retratada nos circuitos de exposições, idêntica aos modelos que temos do século XIX. Desta forma, não deveria o que retrata o MHAM, ser considerado como um passado, da qual hoje em dia a sociedade deve apropriar-se para preservar.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. Reflexões sobre o papel educativo dos museus. *Revista Humanidades*, Fortaleza, v. 18, n. 1, p. 9-16, 2003.

BRUNIERA, Celina Fernandes Gonçalves. *Silêncio define o que deve ou não ser lembrado*. 2010. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/educacao>>. Acesso em: 6 ago. 2010.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CORRÊA, Anderson. *História do negro em São Luís guardada na Cafua das Mercês*. 2009. Disponível em: <http://www.interjornal.com.br/noticia_pdf.kmf?noticia=8476870>. Acesso em: 15 set. 2010.

FERRETTI, Sergio F. *O negro nos museus maranhenses*. 2007. Disponível em: <<http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Negras%20Memorias.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2010.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: 1951.

KERRIOU, Miriam Arroyo. Museu, patrimônio e cultura: reflexões sobre a experiência mexicana. In: SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992. p. 89-99.

PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: O direito ao passado. In: SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992. p. 25-28.

PEREIRA, Josimar. *Museu Histórico e Artístico do Maranhão: 30 anos contando a nossa história*. São Luís: UNIGRAF, 2003.